

As especulações metapsicológicas de Freud *

Leopoldo Fulgencio

Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Membro do GFPP e do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
E-mail: ful@that.com.br

Resumo: Este artigo pretende analisar a natureza e a função da teoria metapsicológica na psicanálise freudiana. Mostra-se que a teoria psicanalítica de Freud é composta por uma parte empírica – a sua psicologia dos fatos clínicos – e outra, especulativa – a metapsicologia. Esta última é considerada por ele uma superestrutura especulativa de valor apenas heurístico, passível de ser substituída por outras superestruturas do mesmo tipo. Sustenta-se, ainda, que sua metapsicologia é fruto do método especulativo, cujos fundamentos foram elaborados por filósofos e epistemólogos anteriores a Freud, entre eles Immanuel Kant e Ernst Mach. O artigo finaliza com algumas considerações sobre o futuro da teorização do tipo metapsicológica, explicitando críticas feitas à metapsicologia freudiana, tanto por filósofos quanto por psicanalistas, e apontando para a perspectiva, aberta por Donald W. Winnicott, de uma psicanálise sem metapsicologia.

* Este artigo corresponde a uma apresentação sintética dos resultados obtidos em minha tese de doutorado, *O método especulativo em Freud*, acrescida de algumas considerações que indicam a continuidade e as conseqüências desse tipo de interpretação histórico-crítica da psicanálise. A perspectiva aqui desenvolvida se insere na linha de pesquisa do Grupo de Pesquisas em Filosofia e Práticas Psicoterápicas (GFPP) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, fundada a partir dos trabalhos de Zeljko Loparic. Agradeço à Fapesp pelos recursos disponibilizados para minhas pesquisas.

Palavras-chave: metapsicologia, especulação, heurística, ponto de vista dinâmico, pulsões.

Abstract: This article seeks to analyze the nature and function of metapsychological theory in Freudian psychoanalysis. It will show that Freudian psychoanalytic theory is composed of an empirical part — the psychology of clinical facts — and a speculative part — metapsychology. Freud considers this latter part as being a speculative superstructure of value that is only heuristic, capable of being substituted by other superstructures of the same type. This article sustains the idea that this metapsychology is the fruit of speculative method, whose foundations were elaborated by philosophers and epistemologists before Freud, including Immanuel Kant and Ernst Mach. The article concludes with considerations regarding the future of metapsychological theorization, presenting criticisms of Freudian metapsychology offered by both philosophers and psychoanalysts, and pointing to the open perspective of Donald W. Winnicott of a psychoanalysis without metapsychology.

Key-words: metapsychology, speculation, heuristic, dynamic point of view, instincts [*Triebe*].

1. O conceito freudiano de ciência

Para Freud,¹ a psicanálise é uma ciência natural.² Ele a define como uma psicologia empírica que é, também, um método de tratamento psíquico, o que significa dizer que suas teorias estão a serviço da resolução de problemas empíricos específicos.³ Para ele, essa ciência é composta por teorias de tipos diferentes: uma empírica e outra especulativa. A primeira corresponde ao conjunto de teorias que advêm dos fatos empíricos (sua psicologia dos fatos clínicos) e a segunda a um conjunto de conceitos especulativos sem conteúdo empírico determinado – tais como os de pulsão, libido, aparelho psíquico –, ao qual ele mesmo denomina metapsicologia.

¹ As referências aos textos de Freud estarão sendo feitas a partir da classificação estabelecida por Etcheverry (1988), que substitui a “Cronological Hand-List of Freud’s Work” preparada por A. Tyson e J. Strachey (1956, *International Journal of Psychoanalysis*, 37, 19). As traduções dos textos de Freud, a partir da *Standard Edition* inglesa, são de minha responsabilidade. Cotejei minhas traduções com outras disponíveis, em especial as da Amorrortu Editores, de Etcheverry, e as traduções francesas coordenadas por Laplanche (quando possível). Em alguns casos especiais consultei, com a ajuda de um germanista, a versão original em alemão encontrada na *Studienausgabe*.

² A defesa da psicanálise como uma ciência natural é reiterada em toda a sua obra, tendo dedicado uma das *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (Freud 1933a, “Conferência 35: A questão de uma *Weltanschauung*”) a especificar o lugar epistemológico desta. Ao fim da vida, ele exclamou com certa ironia: “Que outra coisa ela seria!” (Freud 1940b, p. 283). Sobre o tema da cientificidade da psicanálise, pode-se ler, por exemplo, Assoun (1981, 1993 e 1997) e Grünbaum (1984). Não analisarei, neste artigo, a disciplina psicanalítica em termos da sua pertinência ou não ao rol das ciências (naturais ou humanas), mas sim o método utilizado por Freud na elaboração das suas teorias, considerando que a psicanálise pode e deve ser avaliada epistemologicamente. Ao referir-me à epistemologia, tomo como referência o sentido clássico do termo, considerando-a uma ciência que tem tentado estabelecer critérios de julgamento que sejam válidos para as disciplinas que se pretendam científicas, no horizonte da qual se inserem autores como Kant, Mach, Carnap, Popper, Kuhn e mesmo Heidegger.

³ Cf., por exemplo, Freud 1913j (p. 165), 1916-17 (p. 15), 1923a (p. 235), 1940a (“Prefácio”), em que a ênfase na aplicabilidade clínica de suas teorias é anunciada logo no início dos textos definidores da psicanálise.

Neste artigo pretendo analisar qual é a opinião de Freud no que se refere à teoria metapsicológica, colocando em evidência, a partir de seus textos e de suas referências, a origem do seu modo de proceder na elaboração da teoria psicanalítica. Mostrarei que a articulação entre a parte empírica e a parte especulativa de suas teorias se conjuga de forma condizente com uma determinada maneira de conceber a pesquisa científica, reconhecível como parte de sua formação intelectual. Com esse tipo de entendimento será possível perguntar, ao final, sobre o futuro das teorias metapsicológicas no desenvolvimento atual da psicanálise.

2. A psicologia dos fatos clínicos

O projeto freudiano de fazer da psicanálise uma ciência natural sempre esteve relacionado com suas atividades médicas, ou seja, com seu objetivo de construir um método de tratamento de determinados distúrbios psicopatológicos para os quais outras propostas contemporâneas falhavam. Diz Freud sobre seu compromisso com a ciência médica:

[...] sou de opinião que o médico tem deveres não somente em relação ao doente, mas também em relação à ciência. Com relação à ciência quer dizer, no fundo, com relação a muitos outros doentes que sofrem ou sofrerão do mesmo mal. (1905e, p. 8)

Além desse compromisso médico, a inserção da psicanálise no rol das práticas científicas também significa que ela deverá encontrar seus fundamentos na experiência. Quando Freud enumera os pilares da psicanálise, ele não apresenta nenhum conceito especulativo, mas tão-somente conceitos empíricos referidos diretamente aos fatos reconhecíveis na experiência clínica:

A hipótese de processos anímicos inconscientes,* o reconhecimento da doutrina da resistência e da repressão [*Verdrängung*], o valor dado à sexualidade e ao Complexo de Édipo são os conteúdos principais da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não está à altura de subscrever todos eles não deveria se considerar psicanalista. (1923a, p. 247)

Em outros momentos, Freud caracterizará a psicanálise em função de um conjunto de conceitos e princípios compartilhados por um determinado grupo, que ele denomina seus xiboletes. Xibolete é uma palavra de origem hebraica, que significa *espiga* e tem o sentido figurado de uma prova decisiva que faz julgar a capacidade de uma pessoa. Originalmente, como consta no *Velho Testamento*, trata-se de uma prova de pertinência a um grupo que resulta numa questão de vida ou morte. A tribo de Galaad havia vencido, numa guerra, a de Efraim,

[...] porém os de Galaad se apoderaram dos vaus do Jordão, por onde os de Efraim haveriam de voltar. Quando algum dos fugitivos de Efraim chegava a eles, e dizia: Peço-vos que me deixes passar. Os de Galaad lhe diziam: Acaso és tu Efrateu? E respondendo: Não sou. Eles lhes replicavam: Pois dize: *xibolete*, E quando o outro dizia *sibolete*, não podendo pronunciar-la com o mesmo acento, era imediatamente preso e o degolavam na mesma margem do Jordão. E assim, naquele tempo, foram mortos quarenta e dois mil homens de Efraim. (*Livro dos Juizes* 12, 6)

* Faço aqui uma distinção entre o reconhecimento clínico dos processos anímicos inconscientes – o que também já havia sido feito por Charcot, Janet e Bernheim e Lipps, a quem Freud reconhece tributo, e pode ser claramente visível na análise que ele faz dos atos falhos nas lições de 1916-17 – e o inconsciente pensado em termos metapsicológicos. Trata-se de diferenciar o inconsciente considerado num sentido factual de um inconsciente especulativo, tomado como uma instância psíquica atravessada por forças e energias.

Para Freud, os xiboletes da psicanálise são: a diferenciação do psiquismo em consciente e inconsciente (1923b, p. 13), a teoria dos sonhos (1933a, p. 7) e o Complexo de Édipo (1905d, p. 226). Ele menciona, ainda, como fundamentos que caracterizam a psicanálise, sem denominá-los xiboletes, a transferência e a resistência:

[...] a teoria psicanalítica é uma tentativa de tornar compreensível duas experiências que sobrevêm, de maneira contundente e inesperada, quando se experimenta levar os sintomas mórbidos de uma neurose às suas fontes de onde eles derivam naquilo que foi vivido [na história de sua vida]: o fato da *transferência* e o fato da *resistência*. Toda orientação de pesquisa que reconhece esses dois fatos e os toma como pontos de partida de seu trabalho está no direito de se nomear psicanálise, mesmo se chega a outros resultados que não os meus. Mas aquele que se lança a outros aspectos do problema e se afasta dessas duas premissas escapará dificilmente da reprovação de atentado à propriedade por tentativa de cópia fraudulenta, se persiste em nomear-se psicanalista. (1914d, p. 16)

Todos esses conceitos ou termos descritivos correspondem à parte empírica que sustenta o edifício teórico da psicanálise freudiana – a sua psicologia dos fatos clínicos. Por outro lado, há um outro conjunto de conceitos que não são descritivos, que não têm na experiência referentes objetivamente dados. Conceitos desse tipo estão além ou ultrapassam os da psicologia dos fatos clínicos, daí Freud caracterizá-los de conceitos metapsicológicos. Nesse sentido, é esclarecedor notar que a observação de que os sonhos são realizações de desejos é, para Freud, um tipo de solução psicológica, descritiva (fenomenológica), e não uma solução metapsicológica: “Parece-me que a teoria da realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica – ou melhor, metapsíquica” (Freud e Fliess 1986, carta de 10 de março de 1898). A solução metapsíquica ou metapsicológica para o problema do sonho deveria tornar possível explicar por que os desejos insatisfeitos encontram no sonho um modo de realização, organizando o que poderia ser dito sobre o que impulsiona e é a causa

ou essência dos desejos, bem como sobre os processos psíquicos envolvidos na realização do desejo por intermédio do sonho.⁴

Ao distinguir a teoria clínica da metapsicológica, não estou afirmando que os fatos clínicos são apreendidos independentemente de teorias, visto que toda pesquisa científica depende de uma orientação para selecionar (dentre a multiplicidade de fenômenos que se apresentam) os elementos a serem observados e para estabelecer tipos de relação a serem procuradas na ligação e ordenação desses fenômenos. Isso não significa que as teorias que orientam a pesquisa empírica sejam, necessariamente, especulativas, ainda que as especulações metapsicológicas tenham um lugar central para Freud.

Freud diz que “a psicanálise repousa solidamente sobre a observação dos fatos da vida da alma” (1926f, p. 266) e é “construída a partir de um conjunto de fatos, lenta e sofredamente reunidos ao preço de um trabalho metódico” (comentário de Freud a Smiley Blanton; cf. Blanton 1973, pp. 51-2). Nesse trabalho metódico, há uma parte que se refere à escolha e à delimitação do que é importante ser considerado no campo dos fenômenos e outra, que corresponde ao uso de um conjunto de conceitos auxiliares, que ajudam a relacionar e organizar os fatos na busca da resolução dos problemas. Freud foi formado, como homem de ciência, numa linha de pesquisa que prescreve o uso de um método de pesquisa no qual se associam construções auxiliares especulativas com a apreensão e sistematização dos dados empíricos. Isso confirma-se, por exemplo, já em 1894, na forma como ele procede ao expor o problema das neuropsicoses de defesa:

⁴ Freud considerou duas direções para a construção das soluções metapsíquicas: uma elaborada por referência aos processos corporais, fornecendo um quadro em que as soluções procuradas seriam formuladas em termos biológicos – como é o caso da metapsicologia apresentada no *Projeto* (1895) –, e outra em termos psicológicos, por referência aos processos propriamente psíquicos – como é o caso da apresentada a partir do capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* e continuada em toda a sua obra. Veja em Loparic (2001b) um comentário sobre essa diferença entre esses dois tipos de metapsicologia.

[...] exporei em poucas palavras a representação auxiliar da qual me servi nesta exposição das neuroses de defesa. É a seguinte: nas funções psíquicas, cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – ainda que não haja meio algum de medi-la –; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se difunde pelas marcas mnêmicas das representações, como faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. (1894a, p. 60)

Esse conceito quantitativo é apenas uma especulação e Freud diz que seu uso só se justifica pelo fato de auxiliar a organização dos dados empíricos (*ibid.*, p. 61), não por corresponder a um possível elemento nos fenômenos.

Poder-se-ia objetar que diversos conceitos psicanalíticos são formulados tanto em termos descritivos (psicológicos) como em termos especulativos (metapsicológicos) e que a distinção entre o que é uma descrição e o que é apenas uma suposição teórica especulativa não é factível em psicanálise. Dir-se-ia, por exemplo, que o inconsciente, a repressão, o complexo de Édipo, a transferência e a resistência, além de serem fatos clínicos, são considerados em termos de um conflito de forças, de economia libidinal e referidos às instâncias de um aparelho psíquico. No entanto, ainda que os fatos clínicos sejam articulados por meio dessas formulações teóricas, isso não faz com que a distinção entre o que vem da experiência e o que não vem dela deva ser reconhecida e respeitada, considerando o lugar, o valor e a maneira de operar de cada um dos tipos de teoria em jogo. Mais ainda, é necessário mostrar que o próprio Freud ocupou-se em fazer esse tipo de distinção.

3. A necessidade de uma metapsicologia e o ponto de vista dinâmico

Freud considera que só a descrição dos fatos não é suficiente para explicar como ocorrem os fenômenos psíquicos. Referindo-se aos limites aos quais se chega, caso o psicólogo se mantenha apenas no nível da consciência (aqui também interpretada como sinônimo do que se obtém apenas pelo caminho da psicologia descritiva de seu tempo), ele diz:

Enquanto a psicologia da consciência não pode jamais sair destas séries lacunares e depende manifestamente de outra coisa, a concepção a partir da qual o psíquico é em si mesmo inconsciente permitiu fazer da psicologia uma parte, semelhante a todas as outras, das ciências naturais. (1940a, p. 158)

Além de uma concepção descritiva do inconsciente, Freud formulará a concepção de um inconsciente habitado por elementos que não são diretamente observados, tais como as forças e energias de natureza psíquica. Reconhecendo os limites da observação, Freud considerou adequado introduzir hipóteses complementares:

[...] me pareceu legítimo completar as teorias, que são expressão direta da experiência, por hipóteses que são apropriadas ao controle do material, e que se reportam aos fatos que podem se tornar objeto de observação imediata. (1925d, p. 32)

Essas hipóteses, que não são da mesma natureza que as advindas da observação, são, propriamente, como ele dirá referindo-se à noção de “aparelho psíquico”, *ficções teóricas* (1900a, p. 603) que ajudam a “estabelecer as leis que regem [os fenômenos psíquicos], e acompanhar, em longas séries, sem lacunas, suas relações recíprocas e suas interdependências” (1940a, p. 158). Com o auxílio dessas ficções, Freud espera obter um controle do material empírico de modo que ele possa procurar as explica-

ções que venham completar as lacunas que ficam no entendimento dos fenômenos quando o cientista fica restrito apenas ao campo descritivo, buscando, pois, descobrir séries completas sobre as determinações causais que os produzem.

Mas quais são os tipos de conceitos e modelos especulativos com os quais ele completará suas teorias empíricas? Com que tipo de metapsicologia ele cobrirá as lacunas da sua psicologia? Freud diz claramente que seu procedimento, na construção da teoria, é análogo ao utilizado em outras ciências naturais; que esses conceitos são hipóteses de trabalho de valor apenas aproximativo, permanecendo tão indeterminados quanto são os conceitos do mesmo *status* epistemológico noutras ciências já consolidadas:

Como ficar surpreso se os conceitos fundamentais da nova ciência [a psicanálise], seus princípios (pulsão, energia nervosa etc.) permanecem tanto tempo indeterminados quanto aqueles das ciências mais antigas (força, massa, atração etc.)? (1940a, p. 159)

Para ilustrar a maneira pela qual Freud introduziu um tipo específico de metapsicologia,⁵ será útil retomar os procedimentos especulativos que utiliza para compreender e tratar a histeria.⁶ Vejamos, inicialmente, o que se dizia sobre a histeria no período em que Freud não tinha ainda formulado suas próprias explicações. Segundo Charcot, essa patologia resultava de idéias inconscientes agindo na mente do doente, surgidas após uma situação traumática, que ocorria em pessoas predispostas organicamente à doença. A Escola de Nancy, com Bernheim, indicava o poder da sugestão hipnótica como método de tratamento

⁵ Freud reconhece claramente a existência de outras metapsicologias que não a sua, como fica claro na sua carta a Fliess: “Coloquei-me como tarefa construir uma ponte entre minha metapsicologia germinante e a que está contida nos livros e, por isso, mergulhei no estudo de Lipps [...]” (Freud/Fliess, carta de 28 de agosto de 1898). Veja uma análise da importância de Lipps para Freud em Loparic 2001b.

⁶ Veja, para uma análise mais detalhada desse ponto específico, Fulgencio 2002b.

psíquico⁷. Apoiado nos trabalhos de Charcot, Janet também defendia a idéia de que os sintomas na histeria resultavam de idéias inconscientes que agiam de forma independente no interior do paciente; essa independência derivava de uma dissociação psíquica, que separava as representações em conscientes e inconscientes, e era creditada a um fracasso da síntese mental (numa situação traumática) devido a uma incapacidade congênita (Freud 1913m, p. 207). Esse conjunto de dados e hipóteses levou Freud a uma constatação que lhe serviu de ponto de partida para a constituição da psicanálise: a histeria era uma patologia que teria origem numa situação traumática que acabava por produzir idéias inconscientes no interior do psiquismo; essas idéias estariam ativas e agiriam sobre o paciente, produzindo seus sintomas.

Supunha-se, nessa época, que a histeria era uma doença que acometia somente as pessoas predispostas a ela, ou seja, aquelas pessoas cujo sistema nervoso, por hereditariedade ou por algum tipo de lesão ou inflamação, eram incapazes de tolerar e integrar acontecimentos de grande intensidade afetiva. Isso fornecia apenas uma hipótese fisiológica, mas não a explicação do processo psíquico do paciente que apresentava sintomas histéricos relacionados com um trauma vivido. Essa suposição fisiológica e a descrição dos fatos psíquicos observados – exemplificados, inclusive, pelas demonstrações de Charcot que, ao hipnotizar seus pacientes, produzia ou anulava sintomas – não eram suficientes para dar conta do que ocorria psiquicamente com o paciente no momento do trauma, tampouco explicava a origem do poder, mais ou menos acentuado, dessas idéias inconscientes. Tornava-se, então, necessário ir além dos dados observáveis diretamente, para completar as lacunas da teoria baseada apenas nas descrições dos fatos.

⁷ Para Freud, a expressão “tratamento psíquico” significa tratamento por meios psíquicos (a sugestão e a palavra). Cf. Freud 1905b [1890]. Freud se refere, nesse texto, à hipnose e não ao método psicanalítico, que só será criado alguns anos mais tarde.

A hipótese fisiológica mencionada – à qual aderiram Charcot, Janet e mesmo Breuer – opta por uma perspectiva mecânica. Projetando, por analogia, uma situação física em uma situação psíquica, tudo se passa como se, numa máquina, uma peça, que liga uma de suas partes às outras, tivesse sido danificada, de forma que um lado dessa “máquina psíquica” funcionaria de forma independente, produzindo os sintomas observados. Pode ser dito, sobre esse tipo de análise, que foi orientada por um ponto de vista mecânico. Note-se que a suposição de que o psiquismo é como uma máquina passível de ser explicada em termos mecânicos é uma hipótese que não tem valor empírico, ou seja, ela não é passível de comprovação pela observação; seu valor é apenas heurístico, ou seja, é um princípio de inteligência que tem validade pelo que torna possível compreender sobre os fenômenos e suas relações, e não em si mesmo.

Freud, no entanto, foi formado noutra linha de pesquisa, da qual participavam Fechner, Helmholtz e Brücke, e cuja perspectiva de explicação é diferente da mecânica. Para esses pensadores, o ponto de vista mais adequado para servir como guia na busca de explicações sobre os fenômenos e suas causas é o dinâmico: este supõe a interação de forças em conflito como um quadro no qual as explicações são procuradas. Nessa perspectiva, os fatos observados devem ser estruturados e relacionados não em função de supostas falhas mecânicas, mas sim de supostas forças em conflito. O juramento epistemológico de Brücke e Du Bois-Reymond apresenta uma formulação metodológica explícita sobre o que significa adotar o ponto de vista dinâmico na prática científica:

Brücke e eu [Bois-Reymond] nos comprometemos a impor esta verdade, a saber, que somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. Nos casos que não podem ser explicados, no momento, por essas forças, devemos nos empenhar em descobrir o modo específico ou a fonte de sua ação, utilizando o método físico-matemático, ou então postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade, às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão. (*Apud* Shakow e Rapaport 1964, p. 34)

A presença constante, na obra freudiana, de explicações em termos de forças psíquicas, “equivalentes em dignidade” às forças físico-químicas, dão sustentação à hipótese de que Freud aderiu a esse tipo de orientação metodológica. Na sua autobiografia de 1925, logo após referir-se à sua formação com Brücke no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena, ele afirmou: “Em certo sentido, eu permaneci, todavia, fiel à orientação na qual eu me engajei inicialmente” (1925d, p. 10).

Essa mesma perspectiva dinâmica é reiterada quando Freud fala da sua diferença com Breuer no entendimento da histeria:

Na questão de saber quando um processo psíquico torna-se patógeno, isto é, quando ele não termina de uma maneira normal, Breuer preferia uma teoria, por assim dizer, fisiológica; ele pensava que os processos que não sucumbiam ao destino normal eram aqueles que tinham se originado nos estados psíquicos extraordinários – hipnóticos. [...] Eu, pelo contrário, supunha, sobretudo, um jogo de forças, a ação de intenções e tendências parecidas com as que podem ser observadas na vida normal. (1925d, p. 23)

Em diversos outros momentos de sua obra, Freud reitera que é justamente este ponto de vista – que propõe “no lugar de uma simples descrição, uma explicação dinâmica fundada sobre a interação de forças psíquicas” (1913m, p. 207) – que caracteriza a sua maneira de compreender os fatos psíquicos. Diz ele, sobre seu compromisso metodológico:

Não queremos apenas descrever e classificar as aparências, mas concebê-las como sinais de um jogo de forças dentro da alma, como expressão de tendências dirigidas para fins, e que trabalham umas de acordo com as outras, ou umas contra as outras. Esforçamo-nos por elaborar uma *concepção dinâmica* das aparências psíquicas. Nessa nossa concepção, os fenômenos percebidos devem ficar em segundo plano, atrás das tendências apenas supostas. (1916-17, p. 67)

O ponto de vista dinâmico figura, pois, como um guia metodológico para buscar explicações que podem cobrir as lacunas deixadas pelas teorias empíricas. Mais à frente comentarei o lugar dos pontos de vista tópico e econômico, que, junto com o dinâmico, fornecem os três eixos da teoria metapsicológica de Freud. Nesse sentido acima citado, o ponto de vista dinâmico tem precedência ao tópico e ao econômico, ainda que não seja possível hierarquizar a importância desses três eixos constituidores da metapsicologia. Para Freud, as forças psíquicas, que caracterizam o ponto de vista dinâmico, são análogas às forças que os físicos supõem agir sobre a matéria;⁸ elas são tomadas como um fundamento estrutural ao qual se deve recorrer para organizar e relacionar os fatos, orientando a busca das explicações dos fenômenos observados.

O fundamento da ciência psicanalítica está no que ela pôde efetivamente observar, mas essa observação depende de certos conceitos dados antes mesmo da própria experiência. Esses conceitos, diz Freud, correspondem a certas *idéias abstratas*⁹ que, mesmo sem conteúdo empírico determinado, possibilitam guiar o cientista num determinado campo de fenômenos:

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fatos, que são, em seguida, agrupados, ordenados e integrados em conjuntos. Já na descrição, não se pode evitar aplicar ao material certas idéias abstratas que pegamos aqui e ali, certamente não só da experiência nova. Tais idéias – que, depois, tornar-se-ão os conceitos fundamentais da ciência – são ainda mais indispensáveis na elaboração futura do material. Elas comportam, no início, um certo grau de

⁸ Freud usa essa analogia entre as forças, na física, e as pulsões, na psicanálise, em diversos momentos de sua obra. Cf. Freud 1915c (p. 116), 1925d (p. 58), 1933b (p. 209), 1940a (p. 158) e 1940b (p. 283). Esse paralelo entre as pulsões e as forças foi analisado mais de uma vez, por psicanalistas e por filósofos. Cf., por exemplo, Assoun 1981 (p. 58); 1993 (p. 17) e Loparic 1999.

⁹ A expressão *idéia abstrata* não é um simples modo de falar, mas remete-se, como mostrarei adiante, a um termo kantiano, a saber, a denominação dos conceitos puros da razão como *idéias*.

indeterminação; e não está em questão discernir claramente seu conteúdo. Enquanto permanecem nesse estado, chegamos a um acordo sobre seu significado, reenviando-as repetidamente ao material da experiência, do qual elas parecerem ter provindo, mas que, na realidade, é submisso a elas. (1915c, p. 117)

Essas idéias abstratas são, justamente, as pulsões, concebidas como forças de natureza psíquica. Esse conceito auxiliar é uma *convenção* aplicável ao material empírico com a finalidade de ordenar e integrar sistematicamente os fatos. Quando Freud caracteriza a pulsão como um *conceito fundamental convencional*, ele se refere ao fundamento metapsicológico pressuposto para que os fundamentos empíricos sejam apreendidos. A pulsão é, para ele, uma força equivalente, em dignidade, às forças físico-químicas que agem sobre a matéria. Como nas outras ciências naturais, as forças não são conceitos empíricos, mas construtos teóricos especulativos de valor apenas heurístico. Freud diz claramente que o conceito de pulsão não é nada mais do que uma convenção, uma idéia abstrata sem conteúdo empírico determinado, ainda que necessário: “[a pulsão é um] conceito fundamental convencional, provisoriamente ainda muito obscuro, mas do qual nós não podemos prescindir em psicologia” (1915c, pp. 117-8). Em seguida a essa definição das pulsões, Freud diz que tentará *preencher-lhe o conteúdo* com dados empíricos, associando-as, então, ao corpo biológico, por meio de analogias. Seu objetivo é tornar esse conceito mais inteligível e operacional, mas ele sabe que jamais conseguirá preenchê-lo de forma adequada: “As pulsões são seres míticos, grandiosos na sua indeterminação. Nós não podemos, em nosso trabalho, abstrair delas um só instante, todavia nós jamais estamos seguros de vê-las distintamente” (1933a, p. 95). Assim, tal como em todo mito, não está em questão encontrar um referente empírico que lhe corresponda adequadamente e que seja objetivamente dado.

Comentou-se já, várias vezes, a distinção entre os conceitos de pulsão e de instinto, em especial no que diz respeito à tradução do termo *Trieb* por *Instinct*, feita por Strachey na edição inglesa da obra completa de

Freud, acentuando as comparações entre os instintos na vida animal e as pulsões na vida do homem, marcando-lhes a diferença. Na perspectiva que estou apresentando, os conceitos de *Trieb* e *Instinkt*, em Freud, são de naturezas diferentes: o primeiro é especulativo, sem referência determinada no campo empírico; o segundo é empírico, com referente objetivo no corpo biológico. Não há, pois, nem continuidade nem assimilação possível entre esses conceitos. Laplanche reconheceu claramente a posição de Freud: “Em todo caso, ele [Freud] nunca os junta [os termos *Trieb* e *Instinkt*], nunca os opõe, ele na verdade nunca os comparou” (2001, p. 6). Mas, contudo, Laplanche parece não ter atentado para a diferença de natureza epistemológica entre esses conceitos, acabando por se dedicar, não poucos anos, a uma tarefa impossível: “Durante vinte ou trinta anos, não deixei de insistir nisso. Assimilação da pulsão ao instinto ou, por vezes, uma espécie de mistura pulsão-instinto” (*ibid.*, p. 7).

4. A metapsicologia como *superestrutura especulativa*

O conceito de *pulsão* é o fundamento primeiro da metapsicologia, mas, como sabemos, não é o único e nem toda a metapsicologia poderia ser reduzida a ele. A suposição de que o psiquismo é como um *aparelho* passível de ser figurado espacialmente, no qual circula uma *energia* psíquica de natureza sexual, a libido, também faz parte das hipóteses metapsicológicas. Esses conceitos fornecem, respectivamente, três grandes eixos da metapsicologia, eles servem como modelos ou conceitos auxiliares para que se possam buscar explicações sobre os processos psíquicos: “Proponho que se fale de uma apresentação metapsicológica quando conseguirmos descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas” (Freud 1915e, p. 181). Ao ponto de vista dinâmico corresponde a suposição de pulsões (forças psíquicas) básicas em conflito, como causas motoras originárias, e primeiras, do funcionamento da vida psíquica; ao econômico, a suposição de uma energia psí-

quica de natureza sexual (a libido)¹⁰ – que funciona e pode ser avaliada segundo um fator quantitativo –, que impulsiona as pulsões e caracteriza os investimentos afetivos nos objetos de desejo; e, ao ponto de vista tópicico, a proposição de tomar o psiquismo como se fosse um aparelho, passível de ser visualizado e figurado espacialmente, tal como ocorre quando lidamos com um telescópio, um microscópio ou qualquer objeto similar, tornando, assim, possível diferenciar as instâncias psíquicas que compõem as partes desse aparelho, jamais correspondendo a alguma localização anatômica e tendo, pois, a natureza de uma *ficção teórica*.

Todos esses termos metapsicológicos (pulsão, aparelho psíquico, libido), bem como outras representações similares, são, para Freud, construções auxiliares propostas em caráter provisório:

É assim que o caminho da ciência é, de fato, lento, tateante, laborioso. Isto não pode ser negado nem mudado [...] O progresso no trabalho científico se efetua certamente como numa análise. Avança-se por suposições, faz-se construções auxiliares que são abandonadas se elas não se confirmam; tem-se necessidade de muita paciência, de disponibilidade para todas as possibilidades, renuncia-se a convicções primeiras [...] e todo este esforço é, enfim, recompensado; as descobertas esparsas ajustam-se num conjunto, chega-se a ver claramente toda uma parte do advir anímico, liquida-se a tarefa e fica-se, então, livre para a seguinte. (1933a, p. 174)

Ciente da distinção entre conceitos empíricos e conceitos especulativos, considerados partes distintas da teoria psicanalítica, Freud caracterizou a metapsicologia como uma superestrutura especulativa da psicanálise:

Estas representações [aparelho psíquico dividido em instâncias], e outras similares, pertencem a uma superestrutura especulativa

¹⁰ Veja em Fulgencio 2002a uma análise da diferença entre a noção de sexualidade enquanto um conceito empírico e o conceito de libido enquanto um conceito especulativo.

{*spekulativer Überbau*} da psicanálise, em que cada parte pode ser sacrificada ou trocada sem dano nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada. (1925d, pp. 32-3)

Freud considera que suas *fições teóricas* são inofensivas, caso jamais seja esquecida sua natureza especulativa. Ao referir-se às figurações que propôs para visualizar o psiquismo e seu funcionamento, ele afirmou:

Eu estimo que nós temos o direito de dar livre curso a nossas suposições, desde que preservemos a frieza de nosso juízo e não tomemos os andaimes pelo edifício. E uma vez que, em nossa primeira abordagem de algo desconhecido, tudo de que precisamos é o auxílio de representações auxiliares, daremos preferência, inicialmente, às hipóteses de caráter mais tosco e mais concreto. (1900a, p. 536)

Não se trata, no entanto, de usar todo tipo de especulação, pois nem todas valem da mesma maneira. Os conceitos especulativos metapsicológicos têm uma orientação específica, que se refere ao ponto de vista dinâmico, tal como acontece em outros ramos das ciências naturais. A esse ponto de vista Freud acrescentou o tópico e o econômico, aos quais também correspondem, respectivamente, outros conceitos e modelos especulativos, cuja finalidade é sempre a mesma: completar as teorias empíricas, tornando possível melhor agrupar e ordenar os fatos clínicos, fornecendo um guia tanto para a procura de explicações quanto para obter novos dados.

As proposições teóricas ou conceitos especulativos concebidos como construções auxiliares para realizar pesquisas não são uma inovação de Freud. Ao contrário, bem antes dele, filósofos, cientistas e epistemólogos já haviam analisado esse tipo de método de pesquisa, considerando-o não apenas aplicável, mas necessário às ciências naturais. Não é o caso, aqui, de apresentar uma análise detalhada da sua formação, baseada em seus mestres ou intelectuais admirados, tais como Fechner, Helmholtz, Brücke, Brentano, e que partilhavam desse método de pesquisa, que tem necessi-

dade e é impulsionado por ficções heurísticas. Concentrar-me-ei na análise de duas referências centrais – Kant e Mach –, que podem confirmar, textualmente, que as especulações metapsicológicas de Freud são um fruto desse modo de pesquisar e teorizar nas ciências naturais. Não se trata, aqui, de afirmar que Freud é um seguidor de Mach ou, ainda, que ele tomou a filosofia de Kant como modelo para a sua prática científica, mas tão-somente de mostrar que a atitude teórico-especulativa de Freud corresponde a um modo de conceber a pesquisa científica já estabelecido em sua época, cuja influência desses autores não poderia ser negada.

5. O programa de pesquisa kantiano e as especulações¹¹

No final da *Crítica da razão pura*, Kant determina o lugar a ser dado à psicologia, tomada como ciência natural:

[...] o seu lugar é aquele onde deve ser colocada a física propriamente dita (empírica), isto é, do lado da filosofia *aplicada*, para a qual a filosofia pura contém os princípios *a priori* e com a qual, portanto, deve estar unida, mas não confundida. (Kant 1997, B 876)

Para Kant, a construção da psicologia empírica depende da admissão de um conjunto de conceitos e princípios *a priori* (que são também os da física empírica) a partir do qual todo conhecimento válido da natureza poderá ser produzido. Ou seja, é justamente a partir desse conjunto de *a priori* – relacionados a cada uma das faculdades que compõem nossa faculdade cognitiva (intuição, entendimento e razão) – que os cientistas vão à procura das leis que regem os fenômenos.

Kant mostrou que, por trás de toda ciência natural, há uma metafísica da natureza que a sustenta:

¹¹ Esta análise do programa de pesquisa kantiano se apóia no livro de Loparic, *A semântica transcendental de Kant*. Cf. Loparic 2000a [1982].

A ciência da natureza *propriamente* assim chamada pressupõe uma metafísica da natureza; com efeito, leis, isto é, princípios da necessidade do que é inerente à *existência* de uma coisa, referem-se a um conceito que não se pode construir, porque a existência não pode representar-se em nenhuma intuição *a priori*. Por conseguinte, a genuína ciência natural pressupõe uma metafísica da natureza. Esta deve, pois, conter sempre puros princípios, que não são *empíricos* (é por isso que leva o nome de metafísica). (Kant 1990, p. 15; A 7-8)

Não é cabível, neste artigo, fazer uma apresentação do programa de pesquisa kantiano para as ciências naturais. Saliento, apenas, uma de suas características principais, relativa ao uso de princípios e conceitos especulativos, relacionada à metafísica da natureza presente no quadro teórico de toda ciência empírica; por conseguinte, também da psicanálise, tal como Freud a concebeu.

Tendo analisado a arquitetura e o funcionamento de nossa faculdade de conhecer, Kant distinguiu três modos distintos de articular o conhecimento: a intuição ou a sensibilidade, o entendimento e a razão. Nos três, sempre encontramos conceitos e princípios *a priori*; para alguns deles, será possível encontrar os referentes empíricos adequados, enquanto que, para outros, tal possibilidade estará excluída. À sensibilidade ou à intuição – com seus *a priori* do espaço e do tempo – caberá fornecer dados intuitivos para o entendimento. Ao entendimento – com seus conceitos *a priori*, suas categorias¹² e os dados que recebe da intuição (percepção) – caberá a constituição daquilo que chamamos de experiência e seus objetos, fornecendo regras para a exposição dos fenômenos; cabe, também, ao entendimento, procurar as leis gerais que regem os fenômenos assim

¹² As categorias, ou conceitos puros do entendimento, foram organizadas, por Kant, em quatro classes: as que reúnem os conceitos *a priori* relativos à quantidade, na qual estão os conceitos de unidade, pluralidade e totalidade; as relativas à qualidade, na qual estão os conceitos de realidade, negação e limitação; as relativas à relação, na qual estão os conceitos de substância e acidentes, causa e efeito, reciprocidade causal; e as relativas à modalidade, com os conceitos de possibilidade e impossibilidade, existência e não-existência, necessidade e contingência.

apreendidos. Por fim, à razão credita-se a tarefa de fornecer princípios e conceitos que dêem sistematicidade aos juízos do entendimento, bem como a de proporcionar a maior extensão possível para esse conhecimento teórico. Kant chamará esses conceitos puros da razão de *idéias* (cf. Kant 1997, B 367-396); estas jamais terão um referente empírico que lhes corresponda adequadamente, pois se referem a entes da razão, e nunca a realidades empíricas (nem mesmo em hipótese):

Os conceitos da razão [...] são meras idéias e não têm, evidentemente, objeto algum em qualquer experiência, mas não designam por isso objetos imaginados e ao mesmo tempo admitidos como possíveis. São pensados de modo meramente problemático,* para fundar em relação a eles (como ficções heurísticas) princípios reguladores do uso sistemático do entendimento no campo da experiência. Se sairmos deste campo, são meros seres da razão, cuja possibilidade não é demonstrável e que não podem também, por hipótese, ser postos como fundamento da explicação dos fenômenos reais. (Kant 1997, B 799)

A compreensão do lugar da especulação na pesquisa científica depende, pois, do entendimento da função e da operação da razão especulativa, ou seja, trata-se de saber o que são, quais são e como operam essas *idéias* da razão. Utilizarei alguns exemplos para esclarecer a função e a natureza dos conceitos puros da razão. Um desses conceitos é a idéia de *natureza como um todo*. Sua função é designar um pressuposto para que as leis de determinação entre os fenômenos façam parte de um mesmo sistema, e sua natureza é totalmente especulativa; trata-se de um conceito abstrato ao qual não pode ser dado nenhum exemplo empírico. Outra idéia da razão pura – que diz respeito diretamente à maneira como Freud opera na construção da teoria psicanalítica – está relacionada com

* Kant diz: “Chamo problemático a um conceito que não contenha contradição e que [...] se encadeia com outros conhecimentos, mas cuja realidade objetiva não pode ser de maneira alguma conhecida” (1997, B 310).

um problema que a própria razão encontra ao tentar fornecer explicações sistemáticas, as mais completas possíveis, para os fenômenos que ela procura conhecer, ou seja, quando a razão procurar estabelecer a série de causas, finitas e sem lacunas, para explicar algum fenômeno ou movimento na natureza:¹³ uma vez dado um efeito qualquer, sempre é possível remetê-lo à sua causa; assim sendo, essa causa, por sua vez, pode, igualmente, ser remetida a uma outra causa anterior; o que acaba por estabelecer uma série infinita. Kant nos diz que a razão, visando interromper essa pesquisa infinita das causas, estabelece um limite, postulando uma causa originária, anterior à qual nenhuma outra deve ser procurada; uma causa incondicionada que, ela mesma, não precisa ser explicada e a partir da qual todas as relações causais devem ser estabelecidas. Essa causa originária é um ente da razão e não advém, pois, da experiência sensível: o que seria impossível, já que não corresponde a uma entidade fenomênica. Ela é apenas uma convenção.

Também em seu *Princípios metafísicos a toda ciência da natureza*, o conjunto de conceitos e princípios *a priori* necessários a toda ciência da natureza, Kant mostra que a razão, ante a necessidade de fornecer explicações causais finitas e sem lacunas, estabelece um ponto de partida para as causas, postulando uma causa originária ou incondicionada. Ele diz, ainda, que existem duas alternativas básicas para conceber essas causas, ou seja, apenas dois pontos de vista-guia para explicar a “diversidade específica das matérias” e suas relações: o mecânico e o dinâmico. Segundo o ponto de vista mecânico ou atomista, o movimento, na natureza, deveria ser explicado em função de partículas indivisíveis, os átomos. Estes seriam responsáveis pela transmissão do movimento entre os corpos, por choque mecânico. Por outro lado, o ponto de vista dinâmico suporia, com o mesmo fim, que o movimento deve ser explicado em função de forças motrizes agindo na matéria e no encontro entre os corpos. Segun-

¹³ Cf. Kant 1997, B 377-389, para a explicação de Kant sobre a natureza e a função das idéias transcendentais.

do Kant, não se trata de supor infinitas forças, o que apenas obscureceria o entendimento, mas sim de considerar apenas duas forças básicas: as de atração e as de repulsão.

Tanto os átomos como as forças são conceitos puros (*a priori*) elaborados pela razão; portanto, não podem ser confundidos com os dados empíricos: não há apreensão sensível possível nem dos *átomos* nem das *forças*. O que é que decide, então, pela escolha de um ou de outro ponto de vista como orientação da pesquisa? Segundo Kant, trata-se de uma escolha que não pode estar baseada em fatos, mas tão-somente nos frutos que um ou outro pode trazer para a pesquisa empírica. O ponto de vista dinâmico, diz Kant, é “muito mais adequado e favorável” (Kant 1990, p. 83; A 102) para atingir uma explicação sistêmica mais extensa e mais conforme à razão, permitindo encontrar leis determinadas num encadeamento racional, sem que seja necessário supor alguma “qualidade oculta”, tal como é necessário quando se supõem “átomos” como transmissores de movimento. Como diz Loparic, o critério de escolha, entre um ou outro ponto de vista, é apenas heurístico:

Tudo o que ele [Kant] disse é que a teoria dinâmica, se julgada por alguns critérios metodológicos razoáveis, é um melhor guia de pesquisa empírica do que a teoria atomista. Essa é uma avaliação do ponto de vista heurístico de ambas as teorias tal como existiam na sua época, que de modo algum pode ser interpretada como uma tentativa de uma dedução *a priori* da teoria dinâmica. (Loparic 2000a [1982], p. 315)

Em resumo, a noção de *natureza*, o *ponto de vista dinâmico* e as *forças* são conceitos puros da razão, idéias que não têm referente possível no mundo sensível; são idéias que têm entes da razão como referentes e que servem como guias de pesquisa factual.

Não é por acaso que Freud caracteriza as pulsões como *idéias abstratas*, conceitos puramente *convencionais*. Ele sabe que o preenchimento do seu conteúdo só poderá ocorrer de forma inadequada, pois não há

referente empírico possível para elas. Ao usar o termo *Trieb*, Freud retoma um termo comum à filosofia e à ciência alemã pós-kantiana, que está na base de sua formação como homem de ciência (cf. Loparic 1999). Não seria correto dizer que o conceito freudiano de *Trieb* corresponde exatamente às forças motrizes das quais fala Kant, mas a maneira como Freud opera teoricamente na formulação do conceito de pulsão tem não só uma proximidade com o lugar que Kant dá aos conceitos puros da razão, como também obedece ao mesmo tipo de necessidade metafísica que caracteriza as ciências naturais no programa de pesquisa kantiano.

Pode-se dizer que a psicanálise foi construída nesse solo da metafísica da natureza do tipo kantiana, considerando que *a vida da alma deveria ser tomada como um objeto natural* (Freud 1933a, p. 159), determinado por relações de causa e efeito, tais como as que são dadas pelas categorias do entendimento, e aplicáveis a esses objetos, e, ainda, que os fenômenos e seus movimentos deveriam ser explicados a partir do ponto de vista dinâmico.

6. Ernst Mach e o uso de representações-fantasia nas ciências empíricas

A proximidade entre algumas posições epistemológicas de Mach e Freud já foi comentada por alguns autores (cf., por exemplo, Assoun 1981 e Loparic 1985). Não pretendo, aqui, retomar a análise das continuidades e das rupturas conceituais e metodológicas entre Freud e Mach, mas sim ressaltar a defesa que Mach faz do uso de certas especulações como instrumentos heurísticos de pesquisa e expor o modo como Freud parafraseia Mach ao considerar as pulsões como um tipo de mitologia.

Para Mach, a ciência deve procurar descobrir as relações de determinação entre os fenômenos, uma meta que, no futuro, deve ser atingida sem lançar mão de nenhum outro recurso que não a descrição. Isso constitui, no entanto, o objetivo último a que pretende chegar a ciência

em seu estado final. Enquanto a ciência está em desenvolvimento, ante a incompletude das explicações e para facilitar a descoberta das relações procuradas, Mach prega o uso de conceitos e modelos especulativos.

Ao analisar a história da física, Mach pôde reconhecer que esta se apoiou em conceitos que são um tipo de mito: a física aristotélica, com a consideração dos quatro elementos que comporiam a natureza, e a física newtoniana, com a suposição de que existem forças que impulsionam a natureza. Para ele, o conceito de força,¹⁴ que revolucionou a física após Newton, não é dado empiricamente, mas deve ser tomado apenas como um nome para a “circunstância que tem o movimento por consequência” (Mach 1987 [1883], p. 81). Ou seja, o conceito de força é, também para ele, apenas uma convenção, um princípio causal admitido, ainda que não se saiba dizer o que ele é exatamente. Mach afirma:

Nós podemos caracterizar com o nome de *mitologia da natureza* esta ciência do início, com seus elementos fantasistas [terra, fogo, ar e água]. Depois, a mitologia da natureza, animista e demoníaca, foi substituída, pouco a pouco, por uma mitologia das substâncias e das forças, uma mitologia mecânica e automática e, por fim, por uma mitologia dinâmica. (1922 [1905], p. 113)

Freud, por sua vez, refere-se à teoria das pulsões como uma mitologia, tanto nas *Novas conferências introdutórias à psicanálise* – “A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia” (1933a, p. 95) –, quanto na sua carta a Einstein:

Talvez você tenha a impressão de que nossas teorias são um tipo de mitologia, no caso presente uma mitologia que nem mesmo é agradável. Mas toda ciência da natureza não volta a um tal tipo de mitologia? Acontece, hoje, de maneira diferente para você, na física? (1933b, p. 211)

¹⁴ Ver em Mach 1987 [1883] alguns de seus comentários sobre a história do conceito de força na física, em especial nas páginas 81 e 82.

Mach também já foi apontado como um elo de ligação significativa entre Einstein e Freud,¹⁵ e essa referência à mitologia do ponto de vista dinâmico, com a correspondente especulação que representa o conceito de força, seja ela psíquica ou física, apenas reitera a interpretação de que Freud está se apoiando em Mach quando fala das pulsões como seres míticos.

Referindo-se à perspectiva heurística para a prática científica, Mach (1905) ressalta que certos conceitos, que nada mais são do que representações-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*), podem tanto ajudar nas pesquisas quanto produzir equívocos indesejáveis, caso seja esquecida a natureza ficcional dessas construções auxiliares. Essas fantasias que servem ao processo da ciência deverão ser substituídas, na fase final, pela descrição direta dos fatos. Enquanto isso não é possível, aceita-se essa pequena ajuda que elas podem dar, pois contribuem para orientar a busca das relações de determinação entre os fenômenos, por meio de certas ilusões ou modelos fictícios:

Pensem nas partículas da luz de Newton, nos átomos de Demócrito e de Dalton, nas teorias dos químicos modernos... e, finalmente, nos modernos íons e elétrons. As múltiplas hipóteses físicas sobre a matéria, os turbilhões cartesianos e eulerianos, que reaparecem nas novas teorias eletromagnéticas de correntes e turbilhões, os sumidouros e as fontes que levam à quarta dimensão do espaço, as partículas ultramundanas que geram a gravitação etc. etc. poderiam ainda ser mencionados. Ocorre-me que se trata de uma roda-viva de representações aventureiras modernas que, tal como uma festa das bruxas [*Hexen-sabbat*] impõe respeito. Essas filhas da fantasia lutam pela existência, na medida em que procuram se sobrepujar mutuamente. Inúmeras dessas florações da fantasia devem ser aniquiladas, pela crítica,

¹⁵ Em especial por Assoun (1981 e 1985). Sobre a importância de Mach para Einstein, cf. Holton 1967 e 1993. Veja também em Fulgencio 2000 a análise de um documento, de 1912, assinado por Mach, Einstein e Freud, entre outros, em prol da criação de uma Sociedade para a Filosofia Positivista, indicando em que sentido pode ser entendida a proximidade entre esses autores.

implacável, tendo em vista os fatos, antes que *uma* delas possa desenvolver-se e ter uma permanência mais longa. Para que se possa avaliar esse processo, é necessário levar em conta o fato de que se trata de reduzir os processos naturais a elementos conceituais mais simples. (Mach 1920 [1905], pp. 106-107)¹⁶

Freud também caracterizou a metapsicologia como a *bruxa*. A seguinte citação de Freud pode ser tomada como um tipo de paráfrase do texto de Mach: “Se perguntamos sobre as vias e os meios pelos quais isso [o domínio das pulsões] se produz, não é fácil fornecer uma resposta. Deve-se dizer: ‘É necessário que venha a feiticeira’. Entendam: a bruxa metapsicologia” (1937c, p. 225). O recurso à bruxa, portanto, não é um tipo de alusão retórica, mas uma maneira de ir além dos dados empíricos, tal como, por exemplo, na física molecular, os modelos que versam sobre a constituição espacial do átomo possibilitam pesquisar as relações entre suas partículas. Os conceitos e modelos especulativos, as representações-fantasia de Mach são, tais como a metapsicologia freudiana, superestruturas especulativas das teorias científicas que possuem utilidade heurística.

Ao parafrasear Mach, Freud afirma, portanto, muito mais do que uma certa simpatia pelas posições metodológicas em jogo: ele está reiterando uma determinada linha de pesquisa para a construção da psicologia como uma ciência empírica, que tem em Kant sua referência filosófica inicial. Isso se dá, não apenas em termos gerais – já que após Kant toda ciência natural lhe deve um tributo –, mas em termos mais específicos, reconhecíveis tanto numa orientação-guia de pesquisa como na aplicação de um método de pesquisa no qual se articulam conceitos empíricos com ficções heurísticas. Esse conjunto de referências indica que, para Freud, o ponto de vista dinâmico, a noção de força psíquica (as pulsões), a consideração de que isso é um tipo de mitologia científica, não corresponde, pois, a um uso analógico e descompromissado desses termos, mas sim a uma opção epistemológica e metodológica conscientemente adotada.

¹⁶ Na versão francesa desse livro, esse trecho está mutilado e o termo *Hexen-sabbat* não aparece. A tradução desse trecho, do original em alemão, é de Zeljko Loparic.

Estudos clássicos de epistemologia (por exemplo, Nagel 1978 [1959]) mostram que há, na ciência, um ponto de vista convencionalista, no qual é defendido, como método de pesquisa, o uso de conceitos e modelos que têm apenas um valor operativo, ou seja, que servem de orientação-guia para a organização dos dados e para a procura das relações que regem os fenômenos. Sendo apenas convenções, esses conceitos não devem ser confundidos com os que têm um referente empírico dado ou possível. A análise do proceder epistemológico e metodológico de Freud, tal como desenvolvi neste artigo, mostra que ele é, da mesma maneira que Mach, um adepto desse ponto de vista convencionalista ou heurístico.

7. Observações gerais sobre a função da metapsicologia

Mostrei que, para Freud, a teoria psicanalítica é composta de dois corpos teóricos de naturezas diferentes, um empírico e outro especulativo, que se articulam coerentemente ao propor uma determinada maneira de conceber as ciências empíricas. Essa distinção, entre uma teoria clínica e outra, metapsicológica na psicanálise, já foi observada por outros autores, tais como, mas cada um à sua maneira, Rapaport (1960), Gill (1976), Grünbaum (1984), Ricoeur (1965), Schafer (1982). Mas essa diferenciação – articulada claramente com a caracterização da natureza empírica ou especulativa dos conceitos envolvidos, bem como com a análise da função das teorias especulativas, entendidas como a expressão de um coerente método de pesquisa nas ciências empíricas, o qual, por sua vez, pode ser reconhecível na formação científica e filosófica de Freud (em especial nas concepções epistemológicas e metodológicas de Mach e Kant) — fornece, pelo que sei, uma nova linha de interpretação. Essa maneira de conceber a teoria psicanalítica não introduz uma *cisão na obra freudiana* — tal como Green (1995, p. 35) supõe ocorrer, caso seja aceita essa diferenciação —, mas reconhece nela a explicação coerente de um método amplamente aceito no quadro das ciências empíricas. A metapsicologia

não é, pois, como escreveram Roudinesco e Plon no *Dictionnaire de la psychanalyse* (1997, p. 668), o conjunto da concepção teórica de Freud, mas tão-somente a sua superestrutura especulativa.

Convém, ainda, esclarecer que, para Freud, a teorização metapsicológica também não é uma hermenêutica¹⁷, ela não fornece sentido aos fenômenos psíquicos: os conceitos metapsicológicos – as forças, as energias ou as instâncias de um aparelho – não dão sentido algum para as experiências vividas na situação clínica. A hipótese metapsicológica, por exemplo, de que o trauma corresponde a um *quantum* de energia não descarregada não fornece ao paciente, nem ao analista, nenhum sentido experiencial.

Em resumo, a metapsicologia não pode explicar os fenômenos clínicos nem constituir o sentido, ou parte do sentido, desses fenômenos, caso a palavra fenômeno seja tomada de acordo com o uso habitual, designando algo acessível à experiência clínica. A sua função é a de auxiliar a organização dos fatos, tornando possível estruturá-los e relacioná-los; ela é um constructo para conectar as descrições e uma orientação-guia para procurar (observar) novos dados. As especulações metapsicológicas não são nem fornecem explicações, mas estabelecem um quadro e uma direção para a busca de explicações factuais (empíricas) sobre os fenômenos psíquicos.

8. Algumas considerações sobre as reformulações feitas por Freud em sua metapsicologia

O que obrigou Freud a fazer mudanças significativas na sua teoria metapsicológica, inicialmente apresentada no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, foram os problemas clínicos que não podiam ser tratados de maneira adequada por esse primeiro modelo. A consideração de

¹⁷ Veja em Grünbaum 1984 uma análise crítica da concepção hermenêutica da teoria e da terapia psicanalítica.

que o aparelho psíquico (subdivido em três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente) era movido por duas pulsões básicas (as de autoconservação e as sexuais), ambas guiadas pelo princípio do prazer, mostrava-se inadequada ante os seguintes problemas, entre outros: Como os sonhos, enquanto realização de desejos, poderiam reaperceber repetidas vezes uma situação de desprazer? Como entender a repetição “intencional” de eventos que causam desprazer (como analisado no jogo do carretel)? Como compreender o que ocorre com as neuroses narcísicas, considerando, enquanto impulsos básicos, as pulsões de autoconservação e as sexuais? Como conceber o que ocorre com o sádico e o masoquista? E o que dizer da constatação de que, às vezes, parece haver um “destino demoníaco” que leva certas pessoas a repetirem sempre os mesmos tipos de sofrimentos?

Para dar conta desses fatos clínicos, incompatíveis com o modelo da primeira tópica, mas mantendo seu programa de pesquisa – a saber, a psicanálise como ciência natural, que objetifica o psiquismo, considerando-o do ponto de vista dinâmico –, Freud reformulará os conceitos de sua metapsicologia. Ele substituirá suas construções auxiliares, propondo um novo par de pulsões, que serão concebidas como impulsos básicos que levam o aparelho psíquico tanto a constituir unidades cada vez maiores – e a mantê-las (*Eros* ou pulsão de vida) – como a procurar eliminar as tensões, internas a esse aparelho, ao seu menor nível, levando, no limite, o ser vivo a seu estado zero de tensão, ou seja, a seu estado inorgânico (a pulsão de morte). Nesse segundo modelo, a figuração especulativa do psiquismo também foi reformulada, supondo-se, então, uma nova organização do aparelho psíquico, agora subdividido nas instâncias denominadas id, ego e superego, com seus conteúdos conscientes e inconscientes. Esse novo modelo metapsicológico mostrou-se mais eficiente para buscar explicações sobre fenômenos clínicos, tais como a hipocondria, o narcisismo, a tendência à repetição, o sadismo, o masoquismo, etc.

Freud declarara, referindo-se à segunda tópica, que o conceito de pulsão de morte acabou por impor-se a ele como um modo de pensar:

“com o passar do tempo, elas [as idéias de pulsão de vida e de morte] adquiriram um tal poder sobre mim que não posso mais pensar de outra maneira” (1930a, p. 119). Isso não quer dizer que ele acredite no valor empírico dessas hipóteses, mas tão-somente no seu valor heurístico. Em 1920, ao apresentar a hipótese do novo par de pulsões básicas, ele revela duvidar de si mesmo:

Pode-se perguntar se e em que medida eu mesmo estou convencido das hipóteses aqui desenvolvidas. Eu responderia que não estou e que não peço a outros que acreditem nela. Mais exatamente: não sei em que medida acredito nelas. (1920g, p. 59)

Mas ele considera que o conceito de pulsão de morte e as outras especulações relativas à segunda tópica são úteis para resolver seus problemas clínicos; essas especulações “instauram esta simplificação que não negligência nem viola os fatos, à qual nós aspiramos no trabalho científico” (1930a, p. 119). Pode-se dizer que, para Freud, as pulsões não são fatos e sim convenções, idéias abstratas, que organizam os fatos.

Segundo Freud, não seria possível construir uma psicologia científica sem uma metapsicologia: “Sem especular nem teorizar – por pouco eu iria dizer fantasiar – metapsicologicamente, não se avança aqui um passo sequer” (1937c, p. 225). No entanto, ele mesmo reconheceu a possibilidade e a necessidade de mudar os conceitos de sua metapsicologia, desde que os fatos assim o exigissem. Isso caracteriza a teoria metapsicológica como necessária e substituível.

No entanto, o que define a psicanálise não é a metapsicologia, mas sim os fundamentos empíricos dessa ciência, seus xiboletes. A metapsicologia corresponde, para Freud, falando em termos analógicos, ao andaime ou ao cume do edifício teórico da psicanálise. É justamente o que ele afirma quando comenta o lugar a ser dado para o conceito de libido e para outros conceitos de mesma natureza:

É que essas idéias não são o fundamento da ciência sobre as quais tudo repousa: esse fundamento é, ao contrário, somente a observação. Essas idéias não são as fundações, mas sim o cume de todo o edifício, e elas podem, sem dano, ser substituídas e retiradas. Nós temos, ainda, em nossos dias, esta mesma experiência com a física: suas intuições fundamentais sobre a matéria, os centros de força, a atração etc. são tão discutíveis quanto as concepções correspondentes em psicanálise. (1914c, p. 77)

No entanto, uma vez reformulada a metapsicologia, ocorre, necessariamente, uma reorganização e um reagrupamento dos fatos; mais ainda, ao mudar a orientação que guia a pesquisa, novos fatos podem ser observados.

9. Reiteraões e críticas à teoria metapsicológica

O desenvolvimento da teoria metapsicológica pós-Freud, bem como a análise das críticas de que foi alvo, exigiria uma apresentação muito mais ampla do que a que seria possível neste artigo. Comentarei, em seguida, alguns exemplos que mostram uma oposição entre os defensores da metapsicologia e os que a consideram um tipo de teorização inadequada para a psicanálise. Meu objetivo é marcar os pólos extremos de uma discussão que ainda não chegou a seu termo. Evidentemente, esse tipo de exposição indicativa deixa lacunas que necessitariam ser preenchidas por análises mais detalhadas.

Pode-se afirmar que a grande maioria dos psicanalistas tem a mesma opinião de Freud quanto à metapsicologia: ela é necessária, ainda que seu conteúdo possa ser substituível. Os grandes representantes da psicanálise pós-Freud mantiveram-na no centro de suas propostas, expandindo-a, reformulando-a e, mesmo, reescrevendo-a. Ainda que o uso das teorias de tipo metapsicológico seja difundido, a análise crítica do que a metapsicologia é, em termos epistemológicos e metodológicos, é muito menos comum. Citarei alguns autores que a avaliam como neces-

sária, sem, no entanto, desenvolver a maneira específica como entendem a sua natureza e a sua função. Fédida, por exemplo, reconhecendo o caráter especulativo da metapsicologia, considerava ser impossível uma psicanálise sem suas ficções básicas: “nós jamais poderemos anular o conceito de pulsão ou a ficção do aparelho psíquico” (1983, p. 36). Green, mesmo considerando as insuficiências e as inadequações da teoria metapsicológica, considerava que, até aquele momento (1995), nada suficientemente convincente foi proposto para substituí-la, e, por isso, acha melhor *revisitá-la* e desenvolvê-la:

Talvez, feridos pelos limites que encontraram as novas idéias, alguns – vindos de horizontes muito diferentes – acabaram por concluir que seria, talvez, mais saudável e menos inibidor para o desenvolvimento da psicanálise abandonar até a própria idéia de metapsicologia. Eu jamais fui um desses. E como os partidários desta revisão dilacerante jamais provaram que esta atitude era a mais fecunda – é o menos que posso dizer –, prefiro escolher uma outra via. (1995, p. 7)

Nessa mesma perspectiva de defesa da teoria metapsicológica, Assoun (2001), após fazer um recenseamento da situação da metapsicologia pós-Freud, avalia esta como uma *fonte inigualável do pensamento sobre a clínica*, uma *bússola* sem a qual o psicanalista ficaria desorientado. Em termos mais descritivos, ele afirma que a metapsicologia

[...] é a garantia da capacidade propriamente explicativa da psicanálise. Ela dá efetividade à busca de uma teoria da causalidade psíquica, renovada pela consideração dos processos inconscientes – a mesma que falta às concepções descritivas (psiquiátricas), como aquelas que buscam um modo de explicação exógena (neurobiológica). A metapsicologia é, pois, de fato, uma *resposta à impotência explicativa das outras teorias psíquicas*, as quais fracassam em explicar – a não ser, como a psiquiatria, por “causas distantes” – os processos psíquicos mantendo a especificidade desses processos, [uma resposta que se põe] em contraste com as explicações “exógenas” (em particular, as das neurociências). (2001, p. 121)

No outro pólo encontramos críticas à teoria metapsicológica, tanto por parte de filósofos e epistemólogos quanto de psicanalistas. Em geral, eles duvidam da adequabilidade desse tipo de teoria para abordar os fenômenos dos quais trata a psicanálise. Alguns até mesmo questionaram se a ciência psicanalítica, tal como Freud a construiu, edificada no solo do sistema kantiano, seria uma proposta que se sustentaria diante das grandes transformações teóricas – na filosofia e nas ciências – feitas ao longo do século XX.

Dois dos maiores nomes da filosofia do século XX criticaram diretamente a metapsicologia. Heidegger mostrou que o pensamento filosófico da modernidade, incluindo Kant, objetifica o homem, descharacterizando sua essência. Sobre Freud, Heidegger escreveu: “A metapsicologia de Freud é a transposição da filosofia neokantiana [da natureza] ao ser humano. Por um lado, ele [Freud] usa as ciências naturais e, por outro, a teoria kantiana da objetividade” (2001 [1987], p. 222). Para Wittgenstein (1966), a perspectiva dinâmica que anima o pensamento teórico de Freud obscurece nosso entendimento sobre o homem. Mesmo reconhecendo que Freud é um autor que tem muito a dizer, criticou seu recurso a uma mitologia teórica que, na sua opinião, dá a ilusão de compreensão, quando, na verdade, apenas esconde aquilo que trata.

Diversos psicanalistas fizeram, de diferentes ângulos, críticas à teoria metapsicologia, em especial os teóricos das relações de objeto (Fairbairn e Guntrip), os representantes da *psicologia do ego* e do *self* (Hartmann e Kohut), os que se aproximam de concepções fenomenológicas da teoria e da prática psicanalítica (Georges Klein e Roy Schafer), além de outros que, tendo elaborado teorias psicanalíticas alternativas, rejeitam o recurso ao modo de teorização metapsicológico, como é o caso de Winnicott.

Dou alguns exemplos, a fim de tornar mais claras e objetivas algumas das críticas feitas. Guntrip considera que a psicanálise de Freud é composta de teorias diferentes, nem sempre cuidadosamente distinguidas pelos psicanalistas: uma formulada em termos de uma teoria impessoal

do funcionamento mental, cujo objetivo é apresentar a psicanálise como uma ciência natural, e outra manifesta na forma de uma “teoria do si-mesmo ativo, perseguindo fins nos seus relacionamentos humanos vivos” (1961, p. 118). A metapsicologia corresponde à teoria impessoal. Ao propor esse tipo de teoria, Freud não fez uma psicologia genuína, mas uma fisiologia disfarçada, acabando por obscurecer ou falsificar os fenômenos que tenta abordar: “Para a psicanálise, a psicologia é o estudo da mente humana pessoal. Se a mente humana é despersonalizada, ela cessa o ser humano, mas não é possível criar uma ciência pela falsificação dos dados” (*ibid.*, p. 129). Guntrip tentou substituir a metapsicologia de Freud por um outro tipo de teoria, referida às relações de objetos, formuladas em termos das relações humanas propriamente ditas.

Hartmann e Kohut, ao proporem uma separação dos conceitos de eu e de si-mesmo, consideram ter dado um passo decisivo para o desenvolvimento da psicanálise, pois essa diferenciação torna possível formular as teorias psicanalíticas de uma maneira muito mais próxima da experiência. Diz Kohut:

(...) o ego, o id e o superego são os componentes, na psicanálise, de uma abstração específica, de alto nível, isto é, distante da experiência: o aparelho psíquico. [...] O si-mesmo, entretanto, surge na situação analítica e é conceituado na forma de uma abstração psicanalítica de um nível relativamente baixo, isto é, relativamente próxima à experiência, como um conteúdo do aparelho mental. (1988 [1971], p. 14)

George Klein, seguindo a distinção entre a metapsicologia e a teoria clínica tal como Ricoeur a apresenta (cf. Klein 1976, p. 26), julga que essas teorias engendram “dois modos incompatíveis de explicação” (*ibid.*, p. 13), e que a metapsicologia, expressão do “positivismo inveterado” de Freud, deveria ser abandonada a favor de uma teoria clínica que decifraria não as causas, mas as intenções e os sentidos da experiência e dos comportamentos:

O objetivo central da explicação psicanalítica é a leitura da intencionalidade; o comportamento, a experiência e o testemunho são estudados por seus sentidos neste contexto, enquanto eles exemplificam, em conjunto, as diretrizes, tensões, admitidas, não-admitidas, reprimidas, proibidas... Aplicada à compreensão dos sintomas, por exemplo, uma tal explicação consiste em remeter um sintoma não ao funcionamento de um mecanismo que seria, ele mesmo, observável, real ou potencialmente, mas ao contexto de uma história de vida, na qual o sintoma torna-se inteligível enquanto exemplificação de uma solução em conformidade com certos fins. (*Ibid.*, p. 26)

Schafer (1982), por sua vez, considerou a linguagem metapsicológica (forças, pulsões, energias, aparelhos, etc.) inadequada para a compreensão do homem, mostrando a necessidade de substituí-la.

As críticas à metapsicologia consistem, *grosso modo*, em considerá-la um tipo de instrumento teórico que estaria em desacordo com a natureza dos fenômenos que investiga – a vida psíquica do homem e as relações inter-humanas –, produzindo um falseamento da compreensão dos fatos clínicos observados. Não se trata apenas de um problema teórico, pois da teoria metapsicológica deriva uma prática clínica que, no limite da sua aplicação, leva a um método de tratamento que toma as pessoas e as relações inter-humanas pelo que elas não são: objetos regidos por leis naturais.

Tendo analisado qual é a natureza e a função da teoria metapsicológica em Freud, bem como retomado algumas das críticas a ela dirigidas, é possível colocar com maior precisão a pergunta sobre o futuro dos modos de teorização na psicanálise, apresentando uma bifurcação radical no que se refere à metapsicologia: ou ela é desenvolvida – enquanto uma superestrutura especulativa necessária – e, no limite desta opção, tenta-se substituí-la por outra, mais eficiente ou, então, considera-se que as teorias metapsicológicas devem ser abandonadas em favor de um outro tipo de teorização sem especulações, que se mostraria, por sua vez, mais eficiente e adequado à resolução de problemas próprios à psicanálise.

Não creio ser o caso de iniciar, agora, uma análise dos argumentos a favor e contra a posição dos autores acima citados, mostrando as proximidades e a maneira como eles e eu interpretamos a metapsicologia de Freud. No entanto, considero que a perspectiva de análise aqui apresentada pode contribuir para a compreensão mais precisa do papel da teoria metapsicológica no desenvolvimento da psicanálise.

Algumas pesquisas recentes, dedicadas à análise da obra de Donald Winnicott (cf. especialmente Loparic 2001c e Dias 2003), tomam esse autor como um caso diferente entre os psicanalistas que teriam se oposto à teorização metapsicológica, considerando que sua obra fornece uma nova perspectiva para o desenvolvimento da psicanálise. Para eles, Winnicott reformulou o próprio *paradigma*¹⁸ da psicanálise, alterando suas bases ontológicas e propondo uma teoria geral sobre o amadurecimento pessoal que se mostra mais ampla do que a teoria da sexualidade, e apresentou uma maneira de teorizar que não toma a natureza humana como um objeto natural, afastando-se do solo da metafísica da natureza sobre o qual Freud edificou sua ciência.

Apresentarei, pois, neste final de artigo, algumas passagens de Winnicott que confirmam suas críticas à metapsicologia como um modo de teorização na psicanálise, com o objetivo de fornecer índices a favor da hipótese de trabalho de que Winnicott construiu uma psicanálise sem a metapsicologia, uma hipótese que, para ser amplamente aceita, necessita ainda de pesquisas complementares.

10. A possibilidade efetiva de uma psicanálise sem a metapsicologia

Winnicott formulou uma teoria que se mantém próxima da experiência imediata – sobretudo a que lhe vem da clínica pediátrica,

¹⁸ Termo usado no sentido técnico dado por Thomas Kuhn 1975.

com os bebês e suas mães, e da clínica psicanalítica, com psicóticos que necessitam regredir à dependência –, evitando toda teorização abstrata de tipo metapsicológica. Ele considera que o tipo de linguagem teórica utilizado para tratar das questões humanas deve ter certas características que aproximam a teoria daquilo que ela tenta entender: “Um escritor da natureza humana precisa ser constantemente levado na direção da linguagem simples, longe do jargão do psicólogo, mesmo que tal jargão possa ser valioso em contribuições para revistas científicas” (1957o, p. 121). De uma maneira mais ou menos explícita, ele fez críticas aos conceitos fundamentais da teoria metapsicológica, seja no que se refere aos fundamentos que constituem a metapsicologia – o dinâmico e as pulsões, o econômico e a libido, o tópico e as instâncias de um aparelho psíquico – seja julgando-a como um todo. Darei exemplos de cada uma dessas críticas.

Para Winnicott, os conceitos de pulsão de vida e de morte mais atrapalham do que ajudam a compreensão do desenvolvimento infantil. Em 1952, numa carta a Money-Kyrle, ele escreveu:

[...] o conceito de pulsão de vida e de morte evita o campo de investigação tão rico do desenvolvimento inicial do bebê. É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com a pulsão de vida e de morte, que são, talvez, o único erro de Freud. (1987, p. 37).

Não só na sua correspondência, mas também nos textos publicados, ele reafirma a sua opinião: “Eu, simplesmente, não acho válida sua idéia [de Freud] de pulsão de morte” (1965va [1962], p. 161). Sua crítica não se restringe às forças psíquicas básicas que Freud postulou na sua segunda tópica, mas recai no próprio conceito de pulsão. Deve-se, aqui, apontar que a tradução de *Trieb* por *Instinct* borrou as diferenças entre as concepções de Freud e as de Winnicott, pois, neste último, *Instinct* tem um sentido que não corresponde ao *Trieb* de Freud. Para Winnicott, o instinto não é um representante psíquico de uma tensão corporal, mas a

própria tensão que exige uma ação: “Instinto é um termo pelo qual se denominam poderosas forças biológicas que vêm e voltam na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação” (1988, p. 57). As *poderosas forças biológicas* não correspondem às *idéias abstratas* ou *convenções*. O instinto, para Winnicott, não é um conceito-limite entre o somático e o psíquico, mas uma fonte biológica que terá de ser *elaborada psiquicamente* (cf. Loparic 2000b). Tratar-se-ia aqui, portanto, do abandono do conceito fundamental da metapsicologia freudiana, apontando para a construção de uma psicanálise sem a mitologia das pulsões.

Winnicott também se opõe à idéia de que a natureza humana possa ser adequadamente compreendida por meio da suposição de uma energia que circula no seu interior, ou seja, critica a proposta de se tratar a natureza humana em termos econômicos:

Freud aí lida com a natureza humana em termos de economia, simplificando o problema deliberadamente com o propósito de estabelecer uma formulação teórica. Existe um determinismo implícito em todo esse trabalho, a premissa de que a natureza humana pode ser examinada objetivamente e que podem ser aplicadas a ela as leis que são conhecidas em Física. (1958o, p. 20)

Em seguida a essa afirmação, Winnicott faz uma análise do sentimento de culpa nos aspectos empiricamente observáveis das relações inter-humanas, tais como a aquisição da capacidade para sentir culpa, os sentimentos associados com a vida instintiva e com as relações edípicas, triangulares, e a capacidade de tolerar a ambivalência dos sentimentos de amor e ódio. Não há nessa análise nenhum recurso à noção de libido, enquanto uma energia, ou qualquer outro fator quantitativo que fosse suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga. Isso parece indicar o abandono do ponto de vista econômico, tal como Freud havia proposto, sem que isso signifique abandono de descobertas tais como o complexo de Édipo, a vivência de ambivalência, etc.

Quanto ao ponto de vista tópico, o terceiro eixo da teoria metapsicológica, Winnicott também não o utiliza, pois não toma as instâncias psíquicas – tais como id, ego e superego – como ficções teóricas, figurações espaciais de um aparelho fictício, mas as usa num sentido mais descritivo. Veja, por exemplo, como ele interpreta o que significam esses termos:

Nas suas formulações teóricas iniciais ele estava interessado no id, nome pelo qual ele se referia aos impulsos instintivos, e no ego, nome pelo qual ele chamava aquela parte do eu total que se relaciona com o ambiente. O ego modifica o ambiente para conseguir satisfações para o id, e freia impulsos do id para que o ambiente possa oferecer o máximo de vantagens, do mesmo modo para a satisfação do id. Mais tarde (1923) Freud usou o termo superego para denominar o que é aceito pelo ego para uso no controle do id. (1958o, p. 20)

Não se trata, para Winnicott, de discordar apenas deste ou daquele conceito, mas, sim, da própria teoria metapsicológica, considerando que ela obscurece a compreensão dos fatos clínicos, o que fica explícito na sua carta a Anna Freud, de 18 de março de 1954:

Estou tentando descobrir por que é que tenho uma suspeita tão profunda com esses termos [metapsicológicos]. Será que é por que eles podem fornecer uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe? Ou será que é por causa de algo dentro de mim? Poder ser, é claro, que sejam as duas coisas. (1987, p. 51)

Para ser levada a sério, a concepção de uma psicanálise sem metapsicologia precisaria mostrar que problemas antes tratados por meio dela poderiam ser melhor resolvidos por outro tipo de teorização. Um exemplo possível é o do fenômeno da agressividade no ser humano. Para Freud e Melanie Klein, que pensam no interior do quadro da metapsicologia, a agressividade tem sua fonte na frustração e, em última instância, na pulsão de morte; para Winnicott, no entanto, ela não advém, de modo algum,

da pulsão de morte, tendo sua origem na motilidade, nos estados excitados decorrentes de tensões instintuais e na quebra da continuidade de ser, que deriva de intrusões ambientais.¹⁹

O que resulta desta minha análise, como tema a ser aprofundado por pesquisas futuras, é a avaliação da natureza e da função da teoria metapsicológica em Freud, bem como a hipótese de que é possível uma psicanálise sem esse tipo de teorização, o que relança a discussão sobre os modos de teorização na história e desenvolvimento da psicanálise.

Referências bibliográficas

- Assoun, Paul-Laurent 1981: *Introduction à l'épistemologie freudienne*. Paris, PUF.
- _____ 1985: "Étude-préface. Musil, lecteur de Mach". In: Musil 1985 [1908].
- _____ 1993: *Freud et les sciences sociales*. Paris, Armand Colin.
- _____ 1997: *Psychanalyse*. Paris, PUF.
- _____ 2001: *La métapsychologie*. Paris, PUF.
- Blanton, Smiley 1973: *Journal de mon analyse avec Freud*. Paris, PUF.
- Dias, Elsa O. 2000: "Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento". *Natureza humana*, v. 2, n. 1, pp. 9-49.
- _____ 2003: *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago.
- Fédida, Pierre *et al.* 1983: *La psychanalyse aujourd'hui*. Paris, Imago.
- Freud, Sigmund 1953-74: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (SE). 24 v. Tradução de James Strachey *et al.* London, The Hogarth Press.
- _____ 1894a: "The Defense Neuro-Psychoses". SE 3.
- _____ 1900a: *The Interpretation of Dreams*. SE 4 e 5.

¹⁹ Para uma análise mais pormenorizada das raízes da agressividade em Winnicott, cf. Dias 2000.

- Freud, Sigmund 1905d: *Three Essays on the Theory of Sexuality*. SE 7.
- _____ 1905e: "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria". SE 7.
- _____ 1913j: "The Claims of Psycho-Analysis to Scientific Interest". SE 13.
- _____ 1913m: "On Psycho-Analysis". SE 12.
- _____ 1914c: "On Narcissism: an Introduction". SE 14.
- _____ 1914d: "The History of the Psychoanalytic Movement". SE 14.
- _____ 1915c: "Instincts and their Vicissitudes". SE 14.
- _____ 1915e: "The Unconscious". SE 14.
- _____ 1916-17: *A General Introduction to Psychoanalysis*. SE 15 e 16.
- _____ 1920g: *Beyond the Pleasure Principle*. SE 18.
- _____ 1923a: "Two Encyclopaedia Articles". SE 18.
- _____ 1923b: *The Ego and the Id*. SE 19.
- _____ 1925d: *An Autobiographical Study*. SE 20.
- _____ 1926f: "Psychoanalysis: Freudian Scholl". SE 20.
- _____ 1930a: *Civilization and its Discontents*. SE 21.
- _____ 1933a: *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*. SE 22.
- _____ 1933b: *Why War?*. SE 22.
- _____ 1937c: "Analysis Terminable and Interminable". SE 23.
- _____ 1940a: *An Outline of Psychoanalysis*. SE 23.
- _____ 1940b: "Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis". SE 23.
- Freud, Sigmund e Fliess, Wilhelm 1986: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Organizada por Jeffrey Massoun. Rio de Janeiro, Imago.
- Fulgencio, Leopoldo 2000: "Apresentação e comentário do documento 'Convocação para a fundação de uma Sociedade para a Filosofia Positivista'". *Natureza humana*, v. 2, n. 2, pp. 429-438.
- _____ 2002a: "A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa". *Agora*, v. 5, n. 1, pp. 101-111.
- _____ 2002b: "A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias". *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 5, n. 4, pp. 30-44.

- Gill, Merton 1976: "Metapsychology Is Not Psychology". In: Gill e Holzman 1976, pp. 71-105.
- Gill, Merton e Holzman, Philip 1976: *Psychology Versus Metapsychology: Psychoanalytic Essays in Memory of Georges S. Klein*. New York, International Universities Press.
- Green, André 1995: *Propédeutique. La métapsychologie revisitée*. Seyssel, Champ Vallon.
- Grünbaum, Adolf 1984: *The Foundations of Psychoanalysis*. Berkeley, University of California Press.
- Guntrip, Harry 1961: *Personality Structure and Human Interaction. The Developing synthesis of Psychodynamic Theory*. London, Karnac.
- Habermans, Jürgen 1971: *Knowledge and Human Interests*. Boston, Bacon Press.
- Heidegger, Martin 2001 [1987]: *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, Educ/ABD/Vozes.
- Holton, Gerald 1967: "Où est la réalité? Les réponses d'Einstein". In: Maheu 1967, pp. 97-140.
- _____ 1993: *Science and Anti-Science*. London, Harvard University Press.
- Kant, Immanuel 1990: *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Lisboa, Edições 70.
- _____ 1997: *Crítica da razão pura*. Primeira edição em 1781 (A), segunda edição em 1787 (B). Traduzido a partir da edição crítica de Raymund Schimidt (1956). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kuhn, Thomas S. 1975: *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.
- Klein, George S. 1976: *Psychoanalytic Theory*. New York, International Universities Press.
- Kohut, Heinz 1988 [1971]: *Análise do self*. Rio de Janeiro, Imago.
- Laplanche, Jean 2001: "Pulsão e instinto". *Percorso*, v. 14, n. 27, pp. 5-13.
- Lipps, Theodor 2001 [1897]: "O conceito de inconsciente na psicologia". *Natureza humana*, v. 3, n. 1, pp. 335-356.

- Loparic, Zeljko 1985: "Resistências à psicanálise". *Cadernos de história e filosofia da ciência*, v. 8, 1985, pp. 29-49.
- ____ 1999: "O conceito de *Trieb* na filosofia e na psicanálise". In: Machado 1999.
- ____ 2000a [1982]: *A semântica transcendental de Kant*. Campinas, CLE.
- ____ 2000b: "O 'animal humano'". *Natureza humana*, v. 2, n. 2, pp. 351-397.
- ____ 2001a: "Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise". *Natureza humana*, v. 3, n. 1, pp. 91-140.
- ____ 2001b: "Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano". *Natureza humana*, v. 3, n. 2, pp. 315-331.
- ____ 2001c: "Winnicott's Paradigm outlined". *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 5, n. 1, pp. 61-98. Artigo disponível no site www.cle.unicamp.br/grupofpp
- Mach, Ernst 1920 [1905]: *Erkenntnis und Irrtum*. Leipzig, Barth.
- ____ 1922 [1905]: *La connaissance et l'erreur*. Paris, Flammarionn.
- ____ 1987 [1883]: *La mécanique. Exposé historique et critique de son développement*. Paris, Jacques Gabay.
- Machado, Jorge A. T. (org.) 1999: *Filosofia e psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre, EDIPCRS.
- Maheu, René *et al.* 1967: *Science et synthèse*. Paris, Gallimard.
- Musil, Robert 1985 [1908]: *Pour une évaluation des doctrines de Mach*. Paris, PUF.
- Nagel, Ernest 1978 [1959]: *La estructura de la ciencia. Problemas de la lógica de la investigación científica*. Buenos Aires, Paidós.
- Rapaport, David 1960: "The Structure of Psychoanalytic Theory". *Psychological Issues*, n. 6. New York, International Universities Press.
- Ricoeur, Paul 1965: *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris, Seuil.
- Roudinesco, Eliabeth e Plon, Michel 1997: *Dictionnaire de la psychanalyse*. Évreux, Fayard.
- Schafer, Roy 1982: *A New Language for Psycho-Analysis*. New Haven/London, Yale University Press.

- Shakow, David e Rapaport, David 1964: "Nineteenth and Early Twentieth Century Background". *Psychological Issues*, v. 14, n. 1, Monograph 13: *The Influence of Freud on the American Psychology*.
- Winnicott, Donald W. 1957o: "A contribuição da mãe para a sociedade". In: Winnicott 1986b.
- _____ 1958a: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Imago, Rio de Janeiro, 2000.
- _____ 1958o: "A psicanálise do sentimento de culpa". In: Winnicott 1965b.
- _____ 1965b: *O ambiente e os processos de maturação*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1983.
- _____ 1965va [1962]: "Enfoque pessoal da contribuição kleiniana". In: Winnicott 1965b.
- _____ 1986b: *Tudo começa em casa*. Martins Fontes, São Paulo, 1993.
- _____ 1987: *O gesto espontâneo*. Martins Fontes, São Paulo, 1990.
- _____ 1988: *Natureza humana*. Imago, Rio de Janeiro, 1990.
- Wittgenstein, Ludwig 1966: *Lectures & Conversations on Aesthetic, Psychology and Religious Belief*. Oxford, Basil Blackwell.

Recebido em 8 de março de 2003.
Aprovado em 23 de junho de 2003.